

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**MARCO TÚLIO DA CUNHA SILVA MOREIRA**

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA MUNICIPAL MINISTRO EDMUNDO LINS:**  
**VIÇOSA - MG (2015-2023)**

**VIÇOSA - MINAS GERAIS**

**2023**

**MARCO TÚLIO DA CUNHA SILVA MOREIRA**

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA MUNICIPAL MINISTRO EDMUNDO LINS:  
VIÇOSA - MG (2015-2023)**

Monografia apresentada ao curso de Geografia da  
Universidade Federal de Viçosa como exigência  
para obtenção do título de Bacharel em Geografia.  
Orientador(a): Professora Heloísa Raimunda  
Herneck (DPE/UFV)  
Co-orientador(a): Professora Janete Regina de  
Oliveira (DGE/UFV).

**VIÇOSA - MINAS GERAIS**

**2023**

**MARCO TÚLIO DA CUNHA SILVA MOREIRA**

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA MUNICIPAL MINISTRO EDMUNDO LINS,  
VIÇOSA, MG (2015-2023)**

Monografia apresentada ao curso de Geografia da  
Monografia apresentada ao curso de Geografia da  
Universidade Federal de Viçosa como exigência  
para obtenção do título de Bacharel em Geografia.  
Orientador(a): Professora Heloísa Raimunda  
Herneck (DPE/UFV)  
Co-orientador(a): Professora Janete Regina de  
Oliveira (DGE/UFV).

Aprovada em: 15 de fevereiro de 2023.

Banca Examinadora

---

Professora Dra. Heloísa Raimunda Herneck (Departamento de Educação – UFV)  
(Orientadora)

---

Professora Dra. Janete Regina de Oliveira (Departamento de Geografia – UFV)  
(Coorientadora)

---

Professor Me. Alexandre Henrique Asada (Departamento de Geografia – UFV)  
(Examinador)

---

Professora Ms. Dayana Debossan Coelho (Departamento de Educação – UFV)  
(Examinadora)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico a presente monografia a todas as pessoas, que me incentivaram durante minha caminhada, sempre me apoiando com muito amor e carinho, em especial meus familiares que sempre acreditaram em mim. Também, aos meus amigos pela convivência apoio e atenção nos momentos alegres e tristes que, de certa forma, contribuíram para a realização desse sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

O desenvolvimento desse trabalho de conclusão de curso contou com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais eu agradeço:

A todos meus familiares, avós, pais, irmão, tias, tios, primos e em especial minha avó materna, Lucia Cunha que sempre se orgulharam muito da minha trajetória e que me incentivava a cada mais continuar seguindo e chegando nos lugares que almejo, não permitindo assim que eu desistisse, estendo a homenagem a minhas tias Priscyla e Dayanne também.

Aos funcionários, professores, orientadores e colegas do Departamento de Geografia (DGE) da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Em especial ao professor Dr. Fernando Conde Veiga que me acolheu generosamente no Laboratório de Geografia e Educação (LAGE), onde pude desenvolver atividades que desencadearam a escolha do tema desse trabalho.

A todas as instituições escolares, programa de extensão e coordenadores dessas, que me acolheram como estagiário, contribuindo significativamente para minha formação. Em especial ao Colégio de Aplicação Coluni (CAp/UFV), Escola Estadual “Alice Loureiro” (EEAL), Escola Estadual “Effie Rolfs” (EERF), Escola Municipal “Ministro Edmundo Lins” (EMMEL), Programa Residência Pedagógica, núcleo Geografia da UFV (RPGEO) e ao Projeto Leia Lage – Educação e Gênero.

Aos meus amigos que sempre não mediram esforços para me incentivar e acreditar nos meus sonhos juntamente comigo, principalmente nos momentos mais difíceis.

Por fim, gostaria de agradecer a UFV por me proporcionar essa experiência única, pelas oportunidades e acolhimento.

Gratidão!

“A vitalidade é demonstrada não apenas pela persistência, mas pela capacidade de começar de novo”.

Francis Scott Key Fitzgerald.

## RESUMO

O presente trabalho versou sobre as relações de gênero no cotidiano da Escola Municipal Ministro Edmundo Lins (EMMEL), localizada em Viçosa, Minas Gerais. Ela foi criada em 11 de abril de 1945 e iniciou suas atividades em 17 de fevereiro de 1955. Atualmente, a escola encontra-se situada à Avenida Santa Rita nº 337. Em 1975 recebeu denominação de Escola Municipal “Ministro Edmundo Lins” em homenagem ao Ministro Edmundo Pereira Lins, homem de grande influência na política. O objetivo principal dessa pesquisa, que engloba o recorte temporal compreendido entre 2015 a 2023, foi acompanhar as relações cotidianas dos sujeitos escolares em meio às formas de territorialização dos/as discentes nos espaços da escola, tendo como foco de análise as relações de gênero. Esta pesquisa possui abordagem qualitativa e os dados produzidos foram apresentados descritiva analítica. O caminho metodológico também contou com a pesquisa de campo, utilizando a técnica de observação empírica. As poucas discussões a respeito do gênero nas escolas constitui uma problemática séria, pois afeta a comunidade escolar, sendo os sujeitos das mais diversas idades, gênero e origens. Trazendo em evidência a violência de gênero nesses espaços, observa-se que ela pode assumir várias formas, incluindo agressão moral, física e sexual, intimidação e assédio. É de extrema importância que as escolas, assim como a EMMEL, tomem medidas para prevenir as violências de toda ordem. Falar de gênero, não necessariamente é falar de sexos, mas também falar de respeito ao próximo. As abordagens a respeito do gênero podem acontecer de diversas maneiras como, por meio da implementação de políticas e programas pedagógicos que promovam o respeito, a igualdade e a resolução não violenta de conflitos, bem como o fornecimento de recursos didáticos para professores, funcionários/as e alunos/as. Por fim, destaco que por meio da observação participante, comprovamos a excelência da EMMEL na valorização e empenho em construir espaços plurais, de modo a cumprir com os seus objetivos geral e específicos descritos em seu Regimento Interno.

**Palavras-chave:** Gênero; EMMEL; Viçosa (MG); Educação e Identidades.

## ABSTRACT

The following work deals with gender relations in the daily life of the Minister Edmundo Lins Municipal School (MELMS), located in Vicososa, Minas Gerais. It was founded on April 11, 1945, and began its activities on February 17, 1955. Currently, the school is located at 337 Santa Rita Avenue. In 1975 it was named “Minister Edmundo Lins” Municipal School in honor of Minister Edmundo Pereira Lins, a man of significant influence in politics. The main objective of this research, which covers the period between 2015 and 2023, was to follow the daily relations of school subjects in the midst of the forms of territorialization of the students in school spaces, focusing on gender relations. The research has a qualitative approach, and the data produced were presented as descriptive-analytical. The methodological approach also included field research using the technique of empirical observation. The limited discussions about gender in schools are a severe concern, affecting the school community. The subjects are of the most diverse ages, gender, and backgrounds. By highlighting gender violence in these spaces, we observe that it can take many forms, including moral, physical, and sexual aggression, bullying, and harassment. It is of great importance that schools like MELMS take action to prevent violence of all kinds. To address gender is not necessarily to refer to sexes but to respect others. The approaches regarding gender can come about in several ways, such as through implementing pedagogical policies and programs that encourage respect, equality, and non-violent conflict resolution, as well as providing teaching resources for teachers, employees, and students. Finally, through the participant observation, we have verified MELMS' excellence in valuing and striving to build plural spaces in order to fulfill its general and specific objectives described in its Internal Regulations.

**Keywords:** Gender, EMMEL; Viçosa (MG); Education and Identities.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                              |    |
|------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1. Escola EMMEL .....                                                 | 18 |
| Figura 2. Logomarca da escola .....                                          | 18 |
| Figura 3. Ensaio para festa junina da EMMEL .....                            | 26 |
| Figura 4. Pátio descoberto da EMMEL .....                                    | 28 |
| Figura 5. Agrupamentos na EMMEL .....                                        | 30 |
| Figura 6. Figuras desenhadas na parede da escola .....                       | 32 |
| Figura 7. Expressões deixada na parede de uma turma da escola .....          | 33 |
| Figura 8. Expressão agressiva deixada na parede de uma turma da escola ..... | 34 |
| Figura 9. Expressão deixada na parede da escola .....                        | 34 |
| Figura 10. Expressão agressiva na parede da escola .....                     | 35 |
| Figura 11. Cartaz exposto na parede da escola .....                          | 35 |
| Figura 12. Cartaz exposto na parede da escola .....                          | 38 |
| Figura 13. Mural exposto na escola .....                                     | 39 |
| Figura 14. Cartaz do grupo 1 exposto na escola .....                         | 41 |
| Figura 15. Cartaz do grupo 3 exposto na escola .....                         | 41 |
| Figura 16. Cartaz do grupo 4 exposto na escola .....                         | 42 |
| Figura 17. Tabela periódica, sala Mendeleev .....                            | 46 |

## **LISTA DE ABREVIações E SIGLAS**

AD – Avaliação Diagnóstica

CARRPE – Campanha de Reparo e Restauração dos Prédios Escolares do Estado

CRMG – Currículo Referência de Minas Gerais

EF – Ensino Fundamental

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMMEL – Escola Municipal Ministro Edmundo Lins

FDV – Faculdade de Viçosa

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis

LGBTQIAP+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais; Transgêneros e Travestis, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexualidade e mais.

MG – Minas Gerais

PDI – Plano de Desenvolvimento Individual

PMV – Prefeitura Municipal de Viçosa

PPP – Projeto Político Pedagógico

RI – Regimento Interno

SIMAVE – Sistema Mineiro de Avaliação da Escola Pública

UFV – Universidade Federal de Viçosa

UNIVIÇOSA – Centro Universitário de Viçosa

UNOPAR-VIÇOSA – Universidade Norte do Paraná

## SUMÁRIO

|                                                                |           |
|----------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. APRESENTAÇÃO .....</b>                                   | <b>11</b> |
| 1.1. Introdução .....                                          | 11        |
| 1.2. Justificativas .....                                      | 12        |
| <b>2. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS .....</b>                    | <b>14</b> |
| 2.1 Fases Metodológicas .....                                  | 15        |
| <b>CAPÍTULO I – DENTRO DOS MUROS DA ESCOLA .....</b>           | <b>17</b> |
| 1.1. História da EMMEL .....                                   | 17        |
| 1.2. Estrutura da EMMEL .....                                  | 19        |
| 1.3. Corpo administrativo e docente .....                      | 20        |
| 1.4. Discentes .....                                           | 20        |
| <b>CAPÍTULO II – GEOGRAFIA DOS AGRUPAMENTOS NA EMMEL .....</b> | <b>21</b> |
| 2.1. Território, espaço e gênero .....                         | 21        |
| 2.2. Agrupamentos .....                                        | 24        |
| <b>CAPÍTULO III - RELAÇÕES DE GÊNERO NA EMMEL .....</b>        | <b>31</b> |
| 3.1. Gênero e escola .....                                     | 31        |
| 3.2. Em busca de Equidade .....                                | 38        |
| 3.3. Etnografias sob a ótica de gênero .....                   | 43        |
| <b>3. COMENTÁRIOS FINAIS .....</b>                             | <b>48</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                       | <b>50</b> |

## **1 APRESENTAÇÃO**

### **1.1 Introdução**

As expressões de gênero, que se apresentam em uma escola fazem parte da construção individual dos sujeitos. As identidades pessoais se criam e se firmam ao longo da vida e, na maioria das vezes, determinam as atitudes dos adultos. Por isso, a importância das questões de gênero nas escolas, como uma forma de desconstruir preconceitos e apresentar possibilidades em momentos de desenvolvimento são essenciais à formação da pessoa humana. É na escola que os sujeitos fortalecem suas bases para a vida adulta. Assim, tal instituição deve proporcionar condições para a construção de uma sociedade equitativa.

A questão, que orientou esta pesquisa foi: como ocorre a territorialização dos/as discentes no espaço da Escola Municipal Ministro Edmundo Lins, tendo como foco de análise as relações de gênero (EMMEL)?

Para dialogar com os dados produzidos, o autor baseou-se em Juarez Dayrell (1996) e Milton Santos (1978; 1979), afim de entender o espaço escolar e o espaço geográfico, ocupado pelos estudantes. Também, com base na compreensão do conceito de território/territorialização, o autor referência foi Rogério Haesbaert (2004; 2010). Já para compreender as questões de gênero, foram usados estudos e pesquisas, realizadas por Joan Wallach Scott (1995) e Guacira Lopes Louro (1997) por focarem suas pesquisas em gênero e em espaços escolares.

A Escola Municipal Ministro Edmundo Lins, localizada no centro de uma cidade do interior de Minas Gerais (MG), foi criada em 11 de abril de 1945, instalada em 17 de fevereiro de 1995, quando iniciou suas atividades. Desde então tem se adaptado às normas curriculares, sempre na busca de aprimorar seus serviços aos jovens e adultos da cidade. Contemporaneamente, oferece o Ensino Fundamental (EF) do 1º ao 9º Ano e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do 1º ao 4º Período do 2º Segmento. A escola atende cerca de, aproximadamente, 400 estudantes, segundo o Regimento Interno (RI) de 2021 e o Projeto Político Pedagógico (PPP) de 2020.

Documentos, que evidenciam a ausência de ações voltadas as questões de gênero, apesar de destacarem em diversos momentos como objetivo da instituição o senso de coletividade. O ato de compartilhar e colaborar na produção de ideias, por meio da interdisciplinaridade são voltados para o sentido de desenvolvimento humano evolutivo e melhorias para uma sociedade respeitadora.

Para a análise, foi realizada observação no turno matutino, que atende cerca de 250 estudantes, distribuídos em doze turmas com vinte e cinco alunos por turma, distribuídos entre o 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Nesse turno, estão presentes também estudantes do período integral (601, 701, 801 e 901). Como a escola está localizada no centro da cidade, recebe alunos de diversos bairros (Bom Jesus, Nova Viçosa, Santa Clara, Sagrada Família etc.), fato que demonstra certa abrangência espacial da instituição na cidade.

Nesta pesquisa, a escola é entendida como um espaço plural e dinâmico, no qual acontece o encontro de múltiplas singularidades. Dessa forma, se faz importante compreender as questões relacionadas à gênero nesse âmbito. Assim, a análise levou em conta a compreensão da escola como um espaço sociocultural, onde os sujeitos podem se expressar de diversas feições (DAYRELL, 1996), bem como, enquanto instituição social, também contribui para realçar características hierárquicas e segregadoras, como cita Campos, Davi e Lemos (2017).

A escola, enquanto um espaço social e institucional, em suas pluralidades demanda uma análise de seus arranjos espaciais, de modo a identificar possíveis impactos hierarquizadores e segregacionistas. Além do currículo trabalhado em sala de aula, os/as alunos/as aprendem também sobre como viver em sociedade, com respeito aos valores e particularidades de cada indivíduo. É importante, porém, entender que a escola também é reflexo da sociedade com sua cultura, valores, preconceitos. Portanto, ao mesmo tempo em que funciona como transformadora dos sujeitos, com condição potencial para contribuir para modificar a sociedade, também pode praticar e reproduzir preceitos enraizados na sociedade.

Desta forma, o objetivo geral dessa pesquisa foi acompanhar as relações cotidianas dos sujeitos escolares, em meio às normas de territorialização nos espaços da escola, tendo como foco de análise as relações de gêneros. Em específico, o estudo busca identificar como os/as estudantes ocupam as mediações da EMMEL; descrever as formas de agrupamentos e suas composições nos espaços da EMMEL, gênero, raça e classe social e compreender a territorialização dos espaços pelos estudantes, sob a ótica das questões relacionadas a gênero.

## **1.2 Justificativas**

A escolha do tema se deu pela percepção das disciplinas da Licenciatura, voltadas ao campo de estágio e à prática pedagógica (Estágio Supervisionado I, II, III e IV e Prática de Ensino). Durante o período dos estágios pode-se observar, que certa discussão sobre a questão

de gênero não se fazia presente no ambiente escolar. Pressupõe-se que esta fosse silenciada. As poucas vezes que ocorreu foi de uma forma bem tímida.

A partir desta percepção ficou reconhecida a importância de pesquisar as relações de gênero entre os estudantes, voltadas para o discurso sobre a ideologia de gênero (2015 a 2023)<sup>1</sup>, na tentativa de aprovação de um projeto chamado “Escola sem partido”<sup>2</sup>. Devido a não aprovação desse projeto, a comunidade tem vivenciado um período de forte ataque às demandas sociais e tentativas de perda de direitos da população LGBTQIAP+, por parte do Governo Federal. Por isso, o recorte temporal proposto foi nesse período, que teve como maior acentuação da discussão sobre a ideologia de gênero o ano de 2015.

Paradoxalmente, quando o Legislativo tentava silenciar a temática de gênero nas escolas a sociedade entrou em comentários a seu respeito. Falar de gênero, então, passou a ser uma questão polêmica. O recorte temporal final é o ano de 2023, visto ser o ano em que terminou o primeiro mandato do governo de Jair Messias Bolsonaro e a educação e currículo estiveram em crise a partir das narrativas de poder.

Assim, esta pesquisa se justifica pela tentativa de compreender as questões de gênero no espaço escolar, em tempos de tentativas de silenciá-las e trazê-las à tona, no campo de ciência geográfica, de modo que possa tencionar e combater o conservadorismo e os preconceitos, trazidos para o espaço escolar. Igualmente, considerar a importância de inserir e aprofundar reflexões sobre gênero nas escolas, de modo a contribuir para a redução da prática de *bullying* e para o reconhecimento da diversidade dos sujeitos socioculturais.

Compreender as questões de gênero na escola é perceber o/a jovem como um sujeito social. A esse respeito, Dayrell (1996) contribui – com uma visão de escola enquanto um espaço sociocultural – no entendimento da função do ambiente escolar, para que sejam construídas identidades e também um espaço de expressões. Refletir sobre as questões de gênero nas escolas desde os anos iniciais é contribuir para a convivência harmoniosa entre os distintos, sem que as diferenças sejam uma problemática, mas uma forma de expressão dos corpos. Afinal, todos são singulares.

---

<sup>1</sup> Projeto de Lei 2791/2015 - Proíbe a utilização de qualquer tipo de ideologia na educação nacional, em especial o uso da ideologia de gênero. Disponível em

<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1672692>.

<sup>2</sup> O Programa Escola Sem Partido foi criado por Miguel Nagib, Procurador do Estado de São Paulo, em 2004 e permaneceu desconhecido até 2014. O Escola Sem Partido foi transformado em associação em 2015 por Nagib que passou a coordenar e divulgar o movimento. Em 2015 foram derrubados a maior parte dos quase 60 projetos de lei influenciados pelo movimento. Entre 2015 e 2016 tiveram diversas manifestações contrárias ao movimento e os projetos de Lei. No dia 18 de julho de 2019, Miguel Nagib anunciou que o movimento seria encerrado em 1º de agosto devido à falta de apoio do presidente Jair Messias Bolsonaro (2018-2022).

Entretanto, gênero não significa apenas falar dos sexos “masculino e feminino” (SCOTT, 1995), mas sim desempenhar uma análise crítica sobre o contexto, nos quais os sujeitos estão inseridos, até mesmo na estrutura de poder da sociedade e as maneiras, que estes utilizam para se construir, socialmente, na categoria do binarismo de gênero.

Analisar essa pauta é pensar, preferivelmente, nas relações que são marcadas histórica e culturalmente, cujos corpos são objetos compreensíveis a partir de um processo de significação histórica, cultural e politicamente construída. Inclusive no âmbito escolar, estes corpos dão continuidade ao seu processo de formação de identidade, iniciada no primeiro contato humano, que é no núcleo familiar. A contribuição da Geografia nesta pesquisa consiste em entender o espaço escolar como um território, que permite que os/as estudantes se territorializem de diferentes formas (harmoniosas ou conflituosas), em consideração as relações de gênero e seus conflitos.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Com base na citação de Minayo (2002), “entende-se por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas”. Isto é,

“[...] a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador”. Desse modo, para alcançar objetivos propostos nesta pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa que tem como proposta explicar em profundidade o significado e as características do objeto estudado, sem a mensuração quantitativa de características ou comportamentos, de determinado fato, objeto, grupo de pessoas/ator social e fenômenos da realidade (MINAYO, 2002, p.16).

Os dados produzidos na pesquisa foram dispostos de forma descritiva analítica. Esta identifica as causas do fenômeno estudado, após o registro e análise e a compreensão dos fatores, que determinam e contribuem para o problema em questão (Gil, 2007). Ademais, também se classifica como uma pesquisa analítica, fundamentada em Biklen e Bogdan (1994), por tratar-se de um estudo e avaliação detalhada da informação, na tentativa de explicar fenômenos complexos.

Este trabalho também contou com a pesquisa de campo, que segundo Gil (2002), procura o aprofundamento das questões propostas como a distribuição das características da população, de acordo com determinadas variáveis, em estudo de um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, em destaque à interação entre seus

componentes. Dessa forma, o estudo de campo tendeu-se a técnica de observação empírica. Antes de entrar em campo, foi realizado um estudo sobre a temática de gênero, com base em pesquisas já realizadas e publicadas em artigos científicos, dissertações, teses, livros e materiais.

Distintos caminhos metodológicos foram percorridos para alcançar os objetivos geral e específico. A pesquisa bibliográfica é um destes caminhos. Por meio de tal pesquisa foi possível selecionar conteúdos, inerentes ao objeto de estudos: gênero e espaço (CAMPOS, DAVI, LEMOS, 2017) e gênero no ambiente escolar (ESPLENDER, BRAGA, 2009; NASCIEMNTO, LIRA, 2016; ZOCCAL, SABA, BARROS, 2017; LINS, ACCIOLY, 2016).

Em vistas a estabelecer as bases, que guiaram este trabalho, as metodologias foram subdivididas em três fases, a saber: revisão e levantamento bibliográfico, etnogeografias das vivências e experiências.

## **2.1 Fases Metodológicas**

Em determinados momentos, as fases ocorreram simultaneamente ou individualmente, de modo a se complementarem ao final da produção. É válido ressaltar, que a metodologia poderá ser adaptada no decorrer da pesquisa, de forma a se adequar as condições específicas, que podem surgir ao longo do processo. Segue a seguir a descrição das fases:

Fase 1: com o objetivo de estabelecer os parâmetros, que guiaram a pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica. Para as autoras Marconi e Lakatos (2003) consiste em uma análise referente ao ato de estudar, decompor, dividir e interpretar o processo de conhecimento de uma determinada realidade, o que implica na necessidade de um exame sistemático dos conjuntos desses elementos. Assim, o estado da arte e levantamento de dados, com recorte temporal de 2015-2022 teve como proposta compreender os estudos relacionados aos espaços escolares e as questões de ideologias de gênero.

Fase 2: foi realizada nessa fase a análise e descrição das situações e vivências nos espaços da escola, por meio de observação participante<sup>3</sup>, a fim de identificar onde e como os estudantes se organizam nas mediações da EMMEL, realizando um recorte de análise do

---

<sup>3</sup> Segundo Gil (2012) para que o conhecimento possa ser considerado científico, torna-se necessário identificar operações mentais e técnicas que possibilitam a sua verificação. A observação participante é uma técnica que consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada.

território e suas relações com as questões de gênero. Em menção foi neste momento que se identificou a resposta para os objetivos geral e específico (capítulos I e II).

Fase 3: Neste momento foram efetuadas as etnografias dos espaços físicos da EMMEL, ocupados pelos/as estudantes do turno da manhã. A partir da transcrição e análises buscou-se compreender a distribuição da ocupação dos/as estudantes no espaço. As representações de gênero na EMMEL possibilitarão a compreensão das formas de ocupação dos espaços pelos/as estudantes e a composição desses grupos (gênero, etnia, raça e classe social), de modo a refletir sobre a importância de viabilizar espaços de debate na escola, para que a mesma não acentue a desigualdade e hierarquias entre os sujeitos. Esta etapa, compreendida a partir da ótica das relações de gênero, buscará alcançar os objetivos específicos, ou seja, identificar como os/as estudantes ocupam as mediações da EMMEL; descrever as formas de agrupamentos e suas composições nos espaços da EMMEL, gênero, raça e classe social e compreender a territorialização dos espaços pelos estudantes, sob a ótica das questões relacionadas a gênero.

## **CAPÍTULO I – DENTRO DOS MUROS DA ESCOLA**

### **1.1 História da EMMEL**

A Escola Municipal Ministro Edmundo Lins (EMMEL)<sup>4</sup> foi fundada em 11 de abril de 1945, pelo Decreto municipal nº 2.128. A escola só iniciou suas atividades em 17 de fevereiro de 1955, isto é, dez anos após sua fundação (o que revela um descompasso temporal entre sua fundação e sua efetiva inauguração). Inicialmente, a escola funcionou no antigo prédio do Hospital Regional, localizado na rua Afonso Pena, nº 97, no centro da cidade.

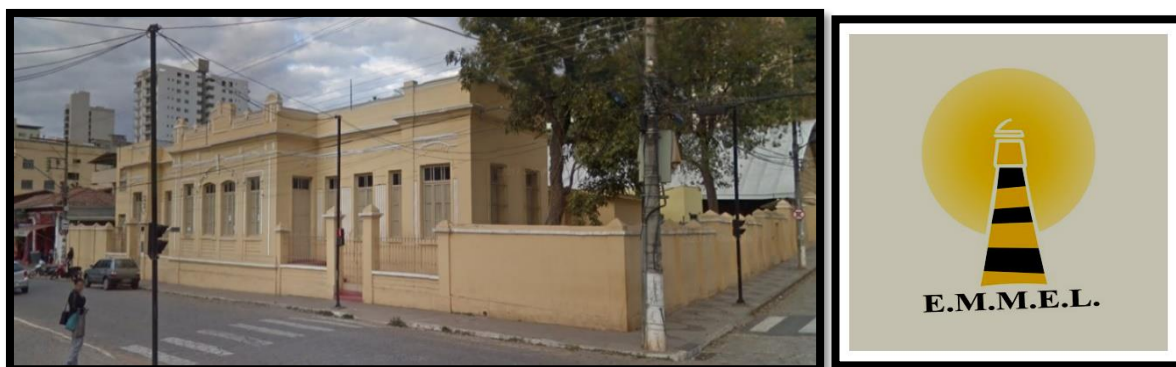
Em 1950 o então prefeito municipal de Viçosa, José Lopes de Carvalho, assinou um convênio com o governo do Estado de Minas Gerais, segundo o qual a municipalidade de Viçosa ficava autorizada a transformar o antigo prédio da cadeia pública, situada no endereço atual da EMMEL em instituição escolar, para atender a centenas de crianças e jovens que cursava a educação primária. Foi nesse período que a escola enfrentou uma série de dificuldades em virtude da escassez de recursos do poder público (REGIMENTO INTERNO, 2021).

Já com o nome de Escola Municipal Ministro Edmundo Lins, no dia 10 de março de 1962 iniciou suas atividades em prédio próprio. Anteriormente, a escola era uma instituição estadual, por isso aconteceu a mudança de nome. A inauguração do prédio foi realizada por D. Daniel Tavares Baeta Neves, bispo de Januária-MG, funcionando como escola primária até 1985. A escola foi municipalizada no dia 18 de dezembro de 1998, de acordo com a Resolução nº 9.594/1998.

### **Figura 1 e 2: Escola EMMEL e Logomarca da escola**

---

<sup>4</sup> O nome da escola foi uma homenagem a Edmundo Pereira Lins, que foi Ministro do Supremo Tribunal Federal entre os anos de 1931 e 1937.



Fonte (figura1): Google Street View e Regimento Interno, 2021.

De acordo com o censo do IBGE de 2021 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2021) a escola atende uma população educacional composta por sujeitos de várias classes sociais, raça e gênero. A maioria reside em bairros próximos à escola (Bom Jesus, Nova Viçosa, Santa Clara, Sagrada Família etc.) e a frequência escolar é boa, exceto na EJA, segundo o PPP – 2020. Ademais, a taxa de evasão escolar nos três primeiros anos do EF é zero, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2021). O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da escola é 5,7, isto é, atingiu uma pontuação maior que o índice geral do Brasil, que é de 5,2 (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2021).

Outro resultado destaque nessa escola é a proficiência nas avaliações externas do Sistema Mineiro de Avaliação da Escola Pública (SIMAVE). Caso seja comparado aos dados de Minas Gerais e todo o município de Viçosa, 100% dos estudantes estão no nível recomendado de Língua Portuguesa. A EMMEL tem realizado trabalhos, atividades e projetos, com o objetivo de aprimorar e melhorar a qualidade da educação, a princípio combater a discriminação, o preconceito e a falta de respeito para com as relações a serem desenvolvidas durante a vida de cada sujeito.

A filosofia da escola se reflete, diretamente, nas práticas educativas e na possibilidade do trabalho com a educação patrimonial, por ser um espaço de convivências múltiplas e de inclusão social. É válido destacar que a EMMEL, no Art.5º do Regimento Interno, tem como objetivo central proporcionar aos educandos a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades, para a sua autorrealização, preparação para o

exercício consciente da cidadania e prosseguimento nos estudos (REGIMENTO INTERNO, 2021).

Outro destaque é o Artigo 10º do Regimento Interno, que caracteriza os objetivos específicos, dispostos nesse e no próximo parágrafo:

Possibilitar aos educando/as condições favoráveis ao desenvolvimento de suas potencialidades, com vista ao atendimento as diferenças individuais existentes; promover a sondagem de aptidões no sentido de orientar o/a aluno/a em sua opção e posterior integração na força do trabalho; promover estudos permanentes com vista à adequação dos métodos e processos, às exigências das situações ensino-aprendizagem; manter intercâmbio comunidade-escola, em vista à integração do aluno ao meio físico social.

Ademais, busca-se estimular iniciativa do corpo docente, permitir a apreciação e avaliação sistemática de toda nova experiência a ser vivenciada pelo aluno, em respeito ao ritmo individual e a capacidade de verificar as novas experiências pedagógicas, que englobem ensino fundamental e a educação de jovens e adultos; assegurar uma educação de qualidade, proporcional às condições a uma visão real da sociedade; capacitar o aluno para vivenciar e intervir no mundo em constantes e imprevisíveis mudanças socioculturais e tecnológica e para o desenvolvimento da capacidade de observar; proporcionar condições favoráveis a analisar, refletir e tomar decisões necessárias ao exercício consciente da cidadania e a prática competente da profissão, (REGIMENTO INTERNO, 2021).

## **1.2 Estrutura da EMMEL**

O edifício, que abriga hoje a EMMEL serve como referência em educação e tem relevância para a cidade na qual está localizada, por se tratar de uma escola referenciada no centro da cidade e que atende grande número de crianças, jovens e adultos (cerca de 400 discentes). A partir da observação percebe trata-se de uma edificação em estilo eclético, que possui adornos discretos e moderados, em que prevalecem formas geométricas, ressaltadas pela diferença de cores. Os adornos são pintados de branco e as paredes de amarelo, e internamente as paredes são chapiscadas em até 1,50 metros de altura, rebocadas e pintadas na cor creme. São características originais da escola, que um dia foi presídio (1933-1962), ou seja, houve uma conversão do uso e função dessa forma espacial (prédio): de presídio passou à escola.

Ademais, a escola passou por duas reformas; uma em agosto de 1970, coordenada pela Campanha de Reparo e Restauração dos Prédios Escolares do Estado (CARRPE) e outra,

em 1997 com vista a ampliar o espaço físico. Em 2005, as cores originais foram, totalmente, modificadas para tons de azuis. Em janeiro de 2013 iniciou-se a reforma dos banheiros e da cozinha, a ampliação de salas e a construção de uma quadra poliesportiva. As obras foram retomadas em janeiro de 2016, com previsão de término até maio do mesmo ano (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2020).

Atualmente, a escola possui uma organização espacial dividida em 12 salas de aulas; uma sala de laboratório; uma sala de recursos multifuncionais para atender a alunos deficientes; uma sala de supervisão; uma sala de diretoria; uma sala para professores; uma sala de secretária; dois banheiros para professores; dois banheiros para funcionários; seis banheiros para alunos; uma cozinha; um almoxarifado; uma cantina; um pátio descoberto; um pátio interno coberto que é o refeitório da escola; uma biblioteca e uma quadra coberta (inaugurada em 2019).

### **1.3 Corpo administrativo e docente**

No período de 2020 a 2024, a equipe gestora será formada por uma diretora, duas vice-diretoras, um supervisor pedagógico e duas supervisoras pedagógicas (durante o ano de 2022 o cargo foi ocupado por um homem e duas mulheres, primeira delas de março a novembro e a segunda de novembro a dezembro).

Também, a escola atende cerca 16 alunos inseridos no programa de inclusão, que se trata de um núcleo de extensão, com proposta de atender as necessidades de alunos/as com deficiências e dificuldades de aprendizagem educacional, por meio da construção do Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) e da Avaliação Diagnóstica (AD). O mesmo, conta com o apoio irrestrito da Secretária de Educação da Prefeitura Municipal de Viçosa (PMV), através dos estagiários da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Centro Universitário de Viçosa (UNIVIÇOSA), Universidade Norte do Paraná (UNOPAR-VIÇOSA) e da Faculdade de Viçosa (FDV).

Igualmente, a escola conta com outros sujeitos escolares como corpo docente que totaliza 41 funcionários, distribuídos da seguinte forma: 38 professores/as do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental (Anos Finais) oito professores/as do 1º ao 4º anos da Educação de Jovens e Adultos (Anos Iniciais) no turno da noite. É válido destacar que a maioria dos/as docentes e funcionários/as da escola tem nível superior e especialização em diversas áreas.

### **1.4 Corpo discente**

Com base em dados oriundos do último censo escolar, realizado no ano de 2020, a escola atende alunos/as de classe popular, isto é, de baixa renda, formado por filho/a de domésticas, pedreiros, auxiliares de serviços em geral e de pessoas desempregadas. A maioria reside em bairros nos arredores da escola, com uma pequena parcela que reside em bairros mais distantes. Além disso, tem um índice de estudantes, que residem em zona rural e relatam a dificuldade de conseguir chegar até a escola, principalmente em períodos chuvosos, visto que o transporte não alcança determinadas áreas das localidades em que residem (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2020).

Hoje a escola conta com o número aproximado de 434 alunos/as matriculados, divididos por etapas: 6º ano, 128 (cento e vinte e oito) alunos/as; 7º ano, 106 (cento e seis) alunos/as; 8º ano, 91 (noventa e um) alunos/as; 9º ano, 58 (cinquenta e oito) alunos/as e EJA, 51 (cinquenta e um) alunos/as.

Com base nos dados do censo de 2020, a Escola Municipal Ministro “Edmundo Lins”, é composta atualmente por 52% (cinquenta e dois por cento) de estudantes do sexo masculino e 48% (quarenta e oito por cento) estudantes do sexo feminino. 98% (noventa e oito por cento) residem nas áreas de zona urbana e 2% (dois por cento) residem nas áreas de zona rural da cidade. Destes, 13% (treze por cento) utilizam o transporte escolar público, oferecido à comunidade escolar e 87% (oitenta e sete por cento) não utilizam o mesmo.

Por fim, outro dado em destaque desse censo é a composição dos/as estudantes sob a ótica de cor/raça. Este censo apresenta os seguintes dados: 25% (vinte e cinco por cento) dos discentes se autodeclararam brancos; 13% (treze por cento) se autodeclararam pretos; 51% (cinquenta e um por cento) se autodeclararam pardos; 2% (dois por cento) se autodeclararam amarelo; 0% (zero por cento) se autodeclararam indígenas e 9% (nove por cento) não sabem como se autoidentificar ou não quiserem se autodeclarar. Portanto, há um predomínio 64% (sessenta e quatro) de alunos (as) pardos (as) e negros (as), (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2020).

## **CAPÍTULO II – GEOGRAFIA DOS AGRUPAMENTOS NA EMMEL**

### **2.1. Território, espaço e gênero**

De modo a executar e compreender o problema de pesquisa proposto nesse trabalho, se faz necessário o entendimento e apropriação de alguns conceitos-chaves, como, Território; Espaço Escolar e Gênero. O Território é um dos principais conceitos da Geografia e está diretamente relacionado aos processos de construção e transformação do espaço geográfico. Sua definição varia conforme a matriz de pensamento (positivista, fenomenológica, estruturalista, idealista, marxista etc.) ou a abordagem (qualitativa, quantitativa, qualitativa) que se realiza, porém, a conceituação mais comumente adotada o relaciona ao espaço apropriado e delimitado, a partir de uma relação de poder.

O conceito de território é entendido a partir de Rogério Haesbaert <sup>5</sup> (2010), que o define com uma dupla conotação: material e simbólica e com forte ligação ao poder. Mas, não apenas ao tradicional "poder político" do Estado Nação. O território diz respeito tanto ao poder no sentido mais explícito, de dominação, quanto ao poder no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação. Assim, o território sempre é tido como múltiplo, diverso e complexo, imerso em relações de dominação e/ou apropriação.

O autor compreende que o conceito de território envolve a territorialização <sup>6</sup>. O território e a territorialização devem ser trabalhados em suas manifestações, que é, sobretudo, de poderes, nele incorporado por meio dos múltiplos sujeitos envolvidos (tanto no sentido de quem domina quanto de quem é dominado, tanto no sentido das lutas hegemônicas quanto das contra-hegemônicas, pois o poder sem resistência, por mínima que seja não é validado). O território, nesse sentido, abarca a conflitualidade.

Assim, deve-se, primeiramente, distinguir os territórios de acordo com aqueles que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais/culturais, Estado, empresas, instituições como a Igreja etc. Os objetivos do controle social voltados para a territorialização daqueles sujeitos variam conforme a sociedade/cultura, o grupo e, muitas vezes, o próprio indivíduo (no caso da diferença de gênero, por exemplo). Controla-se uma "área geográfica", ou seja, cria-se o "território", visando "atingir/afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos" (SACK, 1986, p. 6). Nesta pesquisa, utilizou-se o conceito de território para compreender, a partir da questão de gênero, os conflitos, tensionamentos e as relações de poder entre os/as estudantes na instituição escolar em questão.

---

<sup>5</sup> Professor de Geografia, Geógrafo, Mestre e Doutor em Geografia. Atualmente, professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, do Curso de Pós-Graduação em Políticas Ambientales y Territoriales da Universidad de Buenos Aires e do Doutorado em Ciencias Sociales da Universidad de Tucumán (Argentina). Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3989698/rogerio-haesbaert-da-costa>.

<sup>6</sup> Territorialização, que inclui a vivência concomitante de diversos territórios - configurando uma multiterritorialidade (HAESBAERT, 2004a).

O conceito de Espaço Escolar usará as concepções de Juarez Tarcisio Dayrell <sup>7</sup> (1996). O autor o entende como um espaço sócio cultural, que deve ser analisado a partir da ótica cultural. O conceito de Espaço Escolar visa entender o universo complexo do objeto de estudo, a EMMEL, por meio das concepções do autor:

Analisar a escola como espaço sócio-cultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história. Falar da escola como espaço sócio-cultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição (DAYRELL, 1996, p. 136).

O autor complementa:

Apreender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas. A escola, como espaço socio-cultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos. Um processo de apropriação constante dos espaços, das normas, das práticas e dos saberes que dão forma à vida escolar (DAYRELL, 1996, p. 137).

Compreender a escola com espaço sócio-cultural, significa compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante de uma estrutura, pelo contrário, trata-se de uma relação contínua de construção entre os sujeitos e o espaço. Com relação à macroestrutura, a EMMEL o macropoder, expresso na sua organização, normas e currículo, com base no Currículo Referência de Minas Gerais (CRMG) <sup>8</sup>. Caso seja destacado o interior da escola, poderá identificar a divisão por anos, sala, aluno e, no interior deste corpo, emoções, trajetórias.

Além disso, vale refletir sobre a concepção de espaço geográfico, pois o espaço escolar é uma de suas dimensões constituintes. O primeiro trata-se do espaço humanizado, ou seja, transformado pela ação antrópica. Portanto, ele tem como elemento básico a ação social, que atua, ativamente, nos diferentes objetos espaciais. A transformação do espaço natural em

<sup>7</sup> Cientista Social, Mestre e Doutor em Educação, atualmente é professor aposentado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É fundador e integrante do Observatório da Juventude da UFMG. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/4233455/juarez-tarcisio-dayrell>.

<sup>8</sup> Oriundo da Resolução do Conselho Estadual de Educação de Minas Gerais (CEE) nº 470/2019.

espaço humanizado dá-se, principalmente, pelo desenvolvimento das atividades produtivas. Para Milton Santos <sup>9</sup> (2008) o espaço deve ser considerado como a materialidade acrescida da paisagem que lhe dá vida:

Paisagem e espaço não são sinônimos. A paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima (SANTOS, 2008, p. 103).

O autor ainda afirma que [...] a rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão (SANTOS, 2008, p. 103).

Nesse sentido, ele complementa:

[...] a paisagem é trasntemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. O espaço é sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única. Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetivos, providas de um conteúdo técnico específico. Já o espaço resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objetos [...] (SANTOS, 2008, p. 103).

Em suma, para Milton Santos, o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas, que se apresentam por processos do passado e do presente. O espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais, que se manifestam em forma de processos e funções.

Dada as reflexões supracitadas, se faz necessário a descrição sobre o conceito de Gênero. Joan Wallach Scott <sup>10</sup> (1995) nos diz que o gênero compreende um permanente construto histórico e social, que institui maneiras de viver em sociedade, a partir de distinções e com base nos sexos. Scott, influenciada por Michel Foucault, entende o gênero como um saber sobre as diferenças sexuais. Assim, ao haver uma relação inseparável entre saber e poder, o gênero estaria imbricado às relações de poder e seria uma primeira forma de dar sentido a estas relações.

O gênero, segundo a autora, é uma percepção sobre as diferenças sexuais, que hierarquiza essas diferenças dentro de uma crítica a maneira engessada e dual de pensar. A autora não nega que existem diferenças entre os corpos sexuados. Para a autora, o reconhecimento das diferenças entre os corpos não leva, contudo, à manutenção da dicotomia

<sup>9</sup> Geógrafo e ex-professor emérito da Universidade de São Paulo. Onde atuou principalmente nos seguintes temas: Região, Teoria e Geografia. Disponível em: <http://miltonsantos.com.br/site/>.

<sup>10</sup> Historiadora, ocupou brevemente o cargo de diretora de estudos associados à École des Hautes Études en Sciences Sociales (em 1984), obteve em 1985 a cadeira Harold F. Linder do Instituto de Estudos Avançados. Em janeiro de 2006, ela se juntou ao conselho editorial do The Journal of Modern History. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Joan\\_Scott](https://pt.wikipedia.org/wiki/Joan_Scott).

Sexo-Gênero, pois se o corpo é sempre entendido a partir de um ponto de vista social, o conceito de sexo estaria subsumido no de gênero (SCOTT, 1995, p.72).

O conceito foi trabalhado também a partir das concepções de Guacira Lopes Louro <sup>11</sup> (1997), que defende que as discussões e tensionamentos sobre gênero, servem como ferramenta política para minimizar as segregações e hierarquizações constituídas a partir de diversas representações discursivas sobre os corpos masculinos e femininos. Para a autora, o conceito serve como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política (LOURO, 1997).

Portanto, ao dirigir-se o foco para o carácter social, o gênero se constitui com ou sobre os corpos sexados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatiza a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. Para tal, há a necessidade que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre homens e mulheres são múltiplos. Portanto, o conceito de gênero foi empregado para aprofundar as análises sobre a temática dessa pesquisa, a ocupação territorial dos/as estudantes matriculados/as no turno matutino da EMMEEL.

## 2.2 Agrupamentos

Nessa parte da pesquisa, destaque para as experiências adquiridas no cotidiano da EMMEEL, a ótica dos agrupamentos dos sujeitos escolares, ou seja, como se deu a representatividade dos/as estudantes nos mais diversos grupos compostos pelos/as discentes durante sua rotina escolar. Por exemplo: durante o intervalo de aulas, no recreio, na educação física, na área de lazer, nos banheiros, nos corredores, na biblioteca, etc. Dito de outra forma, como dos/as estudantes se apropriam deste espaço escolar, a partir das relações de gênero, transformando-o em seu território de atuação.

Durante nossa trajetória pessoal, profissional e acadêmica, as pessoas são constituídas por composições em diversos grupos sociais, com as mais diferentes características, seja por escolha própria, seja por circunstâncias, que independem de própria vontade. Com isso, pode-se entrar ou não de vários grupos sociais, os quais, certamente, são importantes na conformação da educação, de valores e visões de mundo.

---

<sup>11</sup> Historiadora, Mestre e Doutora em Educação, é fundadora do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE) e participa deste grupo de pesquisa desde 1990. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/1216236/guacira-lobes-louro>.

Segundo o autor Paulo Silvino Ribeiro <sup>12</sup> (2023), na Sociologia, considera-se que os grupos sociais existem quando em determinado conjunto de pessoas (entre duas ou mais) há relações estáveis, em razão de objetivos e interesses comuns, assim como sentimentos de identidade grupal desenvolvidos, os quais são criados por meio da convivência. Além disso, é importante observar, que o grupo existe mesmo longe dos componentes. Prova disso está no fato que, ao sair da última aula da semana, embora fique longe daqueles que compõem a sala de aula, a classe por si só não se desfaz, ainda enquanto grupo. Outros exemplos claros, são as famílias e o trabalho, mesmo que os indivíduos estejam longe, permanece o sentimento de pertencimento dentro da consciência de cada sujeito.

Como mencionado acima, na EMMEL o quadro de sujeitos escolares na composição da escola, apresenta em sua formação sujeitos das mais diferentes raças, gêneros e classe social. Isso representa para a escola uma diversidade significativa sobre os corpos e suas formas de expressão. A título de exemplo, durante os ensaios para a festa junina (Figura 3) que aconteceu na escola no dia 13 (treze) de agosto de 2022 com a denominação de “Quadrilhô na EMMEL”, pode-se perceber diversas formas de agrupamentos. Os pares que se formaram durante os ensaios nunca seguiam uma ordem estabelecida, como homem e mulher ou menino e menina. Os responsáveis pelos ensaios destacavam a autonomia dos/das discentes em escolher o par que se sentisse melhor para participar da festividade. De modo, foi construída uma festa junina muito diversa, sob a ótica de gênero, onde as formações eram constituídas por duplas de meninos, de meninas, de meninos e meninas <sup>13</sup>.

### **Figura 3 - Ensaio para festa junina da EMMEL**

---

<sup>12</sup> Doutor em Sociologia pela UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, Mestre em Sociologia pela UNESP - Universidade Estadual Paulista " Júlio de Mesquita Filho" (2010) e bacharel em Ciências Sociais-Geral pela UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas (2006). Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3966638/paulo-silvino-ribeiro>.

<sup>13</sup> Inclusive a diretora do estabelecimento de ensino ficou receosa com possíveis retaliações de pessoas conservadoras que repudiam tal atitude (da direção da escola) de respeito e de quebra de paradigmas em relação ao gênero.



Fonte arquivo pessoal, 2022.

Existem várias formas de caracterizar os agrupamentos. Uma delas pode ser por grupos sociais, como os de participação e de não participação, isto é, aqueles que têm vínculo ou não. O autor Paulo Silvino Ribeiro (2023) afirma que “o sentimento de pertencimento ou não a determinado grupo será fundamental para determinar o comportamento em relação aos outros (tomados como pares ou como diferentes) /a alteridade, embora sabe-se que, se por um lado há o direito de identificar ou não com algum grupo, por outro deve-se fugir do preconceito e discriminação (em todos os aspectos possíveis) daqueles que estão em outros grupos”.

O sentimento de pertencimento se faz muito presente nas formas de se expressar das composições estudantis da EMMEL. Durante o intervalo entre aulas, momento que acontece a troca de professores (as), os/as estudantes sempre circulam nos corredores da escola, banheiros, biblioteca, pátio e demais espaços. Tal atitude, na maioria das vezes acontece de formas tumultuosas, visto que os mesmos adentram outras salas por questões de afinidade, para conversar ou até mesmo discutirem sobre algum assunto pertinente. Outra forma de expressão e agrupamento de destaque acontece na hora do intervalo, onde na EMMEL os/as estudantes dos sextos, sétimos, oitavos e nonos anos, que integram o período integral (601, 701, 801 e 901) tem, aproximadamente, 30 (trinta) minutos de intervalo, os demais anos que compõe o período regular (602, 603, 702, 703, 802, 803, 902 e 903) tem, aproximadamente, 20 (vinte) minutos de recreio.

Durante o intervalo, os/as estudantes encontram-se e compõem formações grupais, mas há alguns que ficam isolados. Nitidamente, o espaço interno da quadra se destaca pelo uso dos meninos, que são interessados no esporte futsal e futebol. O uso da quadra é intercalado por dia e ano, então cada dia um ano específico utiliza a mesma. Ainda, no espaço da quadra, as arquibancadas são, majoritariamente, ocupadas pelas meninas, que na maioria das vezes conversam sobre assuntos de interesses dessas ou torcem pelo jogo/times, que acontece no momento.

Outro destaque é a área de lazer da escola, composta por mesas construídas de concreto com quatro bancos cada uma. Pressupõe-se que a mesma foi construída com a finalidade de socialização e a formas que os/as alunos/as ocupam a mesma é interessante. Durante o intervalo, a ocupação desse espaço acontece pelos estudantes dos anos finais do EF, por se tratar de um espaço tranquilo e agradável, com uma árvore de Ipê-amarelo-flor-de-algodão (*Handroanthus serratifolius*)<sup>14</sup>, fato que contribui para uma paisagem incrível. Na maioria das vezes, os/as alunos/as utilizam esse espaço para se expor ao sol, principalmente em dias mais frios.

#### **Figura 4 – Pátio descoberto da EMMEL**

<sup>14</sup> É uma espécie de árvore que pode atingir de 15 a 30 metros de altura do gênero *Handroanthus*. No Brasil também é conhecida como somente ipê-amarelo, ou então: ipê-amarelo-da-mata, ipê-ovo-de-macuco, ipê-pardo, ipê-tabaco, pau-d'arco-amarelo, piúva-amarela, tamurá-tuíra. Disponível em: <https://www.escoladebotanica.com.br/post/ipes-amarelos>.



Fonte arquivo pessoal, 2022.

Outra forma interessante de agrupamento é por meio do esporte nessa mesma área. Os estudantes também a utilizam para realizar atividades físicas durante o intervalo, como, peteca, três cortes, vôlei, bobinho e etc. Geralmente, as atividades que acontecem nesse espaço são as que não envolvem bolas ou quando envolvem com baixo risco de ultrapassar o muro e cair na rua. Neste espaço acontecem agrupamentos bem heterogêneos, sem ênfase em gêneros e são espaços bem fluídos, onde se tem a entrada e saída de sujeitos a todo instante.

Existem outras formas de grupos, como os de referência (positiva ou negativa), normativos e comparativos, todos modelos ou parâmetros para as relações sociais, considerados grupos de referência positiva – maioria deles grupos dos quais todos participam ativamente. Segundo Paulo Silvino Ribeiro (2023), há indivíduos, que buscam aceitação em grupos que não pertencem, como adolescentes que têm amizades com jovens de mais idade e passam a imitar o comportamento em um período de crise de identidade e questionamentos

tão comuns à adolescência. No caso da referência negativa, o mesmo é válido. A família, que deveria ser positiva torna-se negativa para o adolescente, que deseja transgredir um conjunto de valores defendidos pela mesma.

Ao ampliar a descrição de agrupamentos, pode-se identificar os grupos informais e os formais. É possível dizer que os grupos informais são aqueles constituídos sem uma regra/norma, necessariamente, que controle o pertencimento. As pessoas são pertencentes por vários fatores do ponto de vista subjetivo, por motivos outros que podem não ser racionais ou por uma escolha aleatória. Um bom exemplo são os grupos de amigos formados na escola, no trabalho, no clube ou no bairro no qual moramos. Por um lado, pode-se fazer parte de um mesmo grupo que outro indivíduo apenas pelo fato de frequentar a mesma escola. Por outro lado não significa que, de fato todos, os alunos sejam amigos. Os grupos informais também podem ser entendidos como grupos primários, isto é, são pequenos e dizem respeito a relações entre as pessoas dadas por semelhança e afinidade, com o objetivo final a relação e não um meio para se alcançar algo.

Já os grupos formais são marcados pela alta racionalidade e o indivíduo, que a ele pertence está mediado por leis, por regras, por uma burocracia racional-legal, quando as relações sociais são mediadas por dispositivos contratuais, como em uma empresa. Os grupos formais também podem ser tomados por grupos secundários, pois são grandes e dizem respeito às relações entre pessoas com interesses em comum, sendo o objetivo último da relação a interdependência. As relações não têm o mesmo grau de permanência que nos grupos informais, já que as relações são apenas um meio para atingir um objetivo em comum.

A título de exemplificação é muito comum nos ambientes escolares existirem grupos espalhados pelas dependências da escola. Esses apresentam sempre uma heterogeneidade relevante sob a analogia dos seus membros. Na EMMEL não é diferente, pois ao passar pelos corredores da escola ou até mesmo nas salas de aula é comum identificar grupos constituídos pelas afinidades. Exemplo, a turma do nono ano (903), todos os dias ao adentrar a escola, certo grupo se junta o mais próximo possível no fundo da sala (Figura 5). Durante esse momento de reencontro diário seus integrantes conversam sobre o dia anterior, sobre os acontecimentos no mundo, sobre a mídia, sobre seus desejos, sempre com a presença do aparelho telefônico.

**Figura 5 – Agrupamentos na EMMEL**



**Fonte:** arquivo pessoal, 2022.

Grupos informais são facilmente notados na escola, composto por três ou mais membros/as sempre heterogêneos. O grupo da Figura 5 se destaca por ser composto por um número maior de meninas que de meninos, na ocasião as/os estudantes haviam levado para a escola uma revista que apresentava fofoca de alguns famosos/artistas brasileiros e estes repercutiam sobre a vida das celebridades.

### **CAPÍTULO III - RELAÇÕES DE GÊNERO NA EMMEL**

#### **3.1. Gênero e escola**

O conceito de gênero perpassa por diversas áreas do conhecimento, o dicionário Aurélio (1986) define o mesmo como “qualquer agrupamento de indivíduos, objetos, ideias que tenham caracteres comuns”. Ou seja, está interligado à todas formas de agrupamentos supramencionados. Nessa pesquisa o gênero é concebido a partir da autora Joan Wallach Scott (1995), que o denomina como “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”.

Além disso, a autora afirma:

O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das

identidades subjetivas de homens e de mulheres. [...] Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (SCOTT, 1995, p. 75).

Dessa forma, gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. Ele é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Muitas vezes é erroneamente utilizado em referência ao sexo biológico. Por isso, é importante enfatizar que o gênero diz respeito aos aspectos sociais atribuídos ao sexo, ou seja, está vinculado as construções sociais, não a características naturais. Portanto, se refere a tudo aquilo que foi definido ao longo do tempo e que a nossa sociedade entende como o papel, função ou comportamento esperado de alguém com base em seu sexo biológico.

Embora o tema não tenha o destaque necessário nos ambientes escolares, é nesses espaços que os/as estudantes também estabelecem suas relações de gênero. Esse capítulo é destinado a essa temática de forma a realizar uma análise dos espaços da EMMEL, de modo a entender como os/as discentes se colocam nesse por meio da ótica de gênero.

Segundo os autores Juliana Gonzaga Jayme e Cláudio Eduardo Resende Alves (2020), no cotidiano da escola, a prática de violência de gênero, psicológica, física, moral ou sexual, que se dá entre meninos e meninas, meninas e meninas ou meninos e meninos, é um fenômeno que revela a desigualdade de gênero nos espaços escolares e que certamente contribui para as dificuldades na trajetória escolar e para a prática do *bullying*.

Ainda sobre as ideias dos autores, é importante ressaltar que é comum a violência também entre pessoas do mesmo sexo, na maior parte das vezes entre meninos, seja para demonstração de força, seja por intolerância às manifestações de sexualidade não heteronormativas. Como aponta Richard Miskolci (2012), na escola se explicitam, na maior parte das vezes de forma impositiva e violenta, os ideais coletivos de como as pessoas devem agir, se comportar, numa palavra, ser. Essas expressões de violência revelam que a opressão de gênero não se dá apenas entre homens e mulheres, mas que na verdade é muito comum entre homens que constroem sua masculinidade, desde tão novos, de modo agressivo.

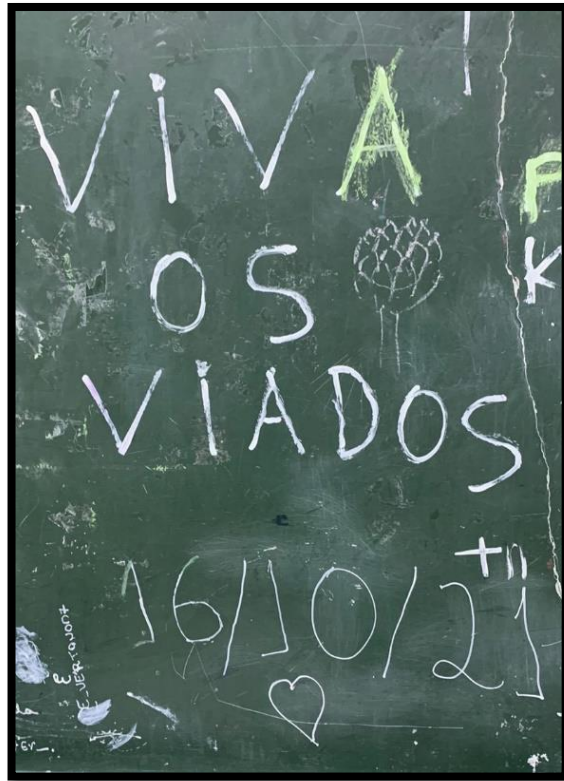
Ao se adentrar no campo de pesquisa (EMMEL), a primeiras impressões que tive fazendo um paralelo com a ótica da violência de gênero, foram os recados deixados nas carteiras e nas paredes da escola (Figura 6, Figura 7, Figura 8, Figura 9 e Figura 10), as quais estão por todo canto, grande parte nas salas de aulas e nos banheiros cujo conteúdo detinha um teor de agressividade e sexualização.

**Figura 6** – Figuras desenhadas na parede da escola



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

**Figura 7** – Expressões deixada na parede de uma turma da escola



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

**Figura 8** – Expressão agressiva deixada na parede de uma turma da escola



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

**Figura 9** – Expressão deixada na parede da escola



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

**Figura 10** – Expressão agressiva na parede da escola



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

O ambiente escolar pode reproduzir imagens negativas e preconceituosas como estas, que se derivam da construção social em que os sujeitos estão inseridos, sendo essas reproduzidas dentro da escola. Pode acontecer no sentido inverso também, que não é o caso da EMMEL, mas a título de ilustração, por exemplo, quando um docente relaciona o rendimento de suas alunas ao esforço e bom comportamento, ou quando as tratam apenas como esforçadas e quase nunca como potencialmente brilhantes, capazes de ousadia e liderança. O mesmo pode ocorrer com os alunos quando estes não correspondem a um modelo masculino predeterminado socialmente.

É válido destacar que a EMMEL, de modo a minimizar os impactos da violência de gênero no perímetro escolar, permitiu aos estudantes a liberdade de se expressarem de acordo com suas categorias de gênero. Um destaque dessas formas de equidade, acontecem durante algumas aulas de artes, onde a professora trabalhou o significado da sigla LGBTQIAP+ com suas turmas em especial as/os estudantes do 9º ano, por se tratarem de uma fase final da adolescência onde várias questões sexuais as/os afligem.

A partir das atividades ministradas na sala de aula os/as estudantes além de se apropriarem do conhecimento da sigla, teve-se uma construção de conhecimento positivo sobre o assunto e também, puderam construir cartazes informativos sobre a temática, os quais foram expostos próximo aos banheiros da escola (Figura 11) localizados ao lado da quadra coberta.

**Figura 11** – Cartaz exposto na parede da escola



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

A exposição do cartaz (Figura 11) traz consigo as bandeiras referentes a cada letra que compõe a sigla LGBTQIAP+ <sup>15</sup>, cada letra que compõe essa sigla tem um significado e representação, como:

L: Lésbicas: Diz respeito às mulheres que se sentem atraídas afetiva e sexualmente por outras mulheres. Elas não precisam, necessariamente, ter se relacionado com outras mulheres para se identificarem como lésbicas.

<sup>15</sup> Além dos mencionados abaixo, ainda se acrescenta a Não-binariedade, que apesar de não estar na sigla de forma explícita, representa a identidade de gênero onde as pessoas não se sentem em conformidade com o sistema binário homem/mulher, podendo fluir entre as infinitas possibilidades de existência de gênero sem seguir um padrão, performance ou papel pré-estabelecido pela sociedade e as/os Drag Queen que também não faz parte da sigla e refere-se a uma expressão artística, podendo ser performada por mulheres ou homens, cis ou trans, pessoas fora do binarismo de gênero e totalmente independente de orientação sexual. Disponível em: <https://www.conexasaude.com.br/blog/lgbtqiap/>.

G: Gays: Diz respeito aos homens que se sentem atraídos por outros homens, e, da mesma forma que as lésbicas, eles não precisam ter se relacionado com outros homens para se identificarem como gays.

B: Bissexuais: É referente às pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente tanto com pessoas do mesmo gênero quanto do gênero oposto. O termo “Bi” é o diminutivo para se referir a pessoas bissexuais.

T: Transexuais, Transgêneros, Travestis: Esse termo é referente à identidade de gênero e não à sexualidade, pois remete à pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. Os/as transgêneros podem ser homens ou mulheres, que se adequam identidade de gênero. Para se referir a elas, são usadas as expressões homem trans e mulher trans.

Q: *Queer*: É um termo em inglês usado para qualquer pessoa que não se encaixe na heteronormatividade, ou seja, são pessoas que não se identificam com o padrão binário de gênero, e muito menos se sente contemplada com outra letra da sigla referente a orientação sexual, pelo fato de entenderem que tais rótulos podem restringir a amplitude e a vivência da sexualidade.

I: Intersexo: É uma pessoa que nasceu com a genética diferente do XX ou XY e tem a genitália ou sistema reprodutivo fora do sistema binário homem/mulher. Atualmente, são reconhecidas pela ciência pelo menos 40 variações genéticas, dentre elas XXX, XXY, X0, etc.

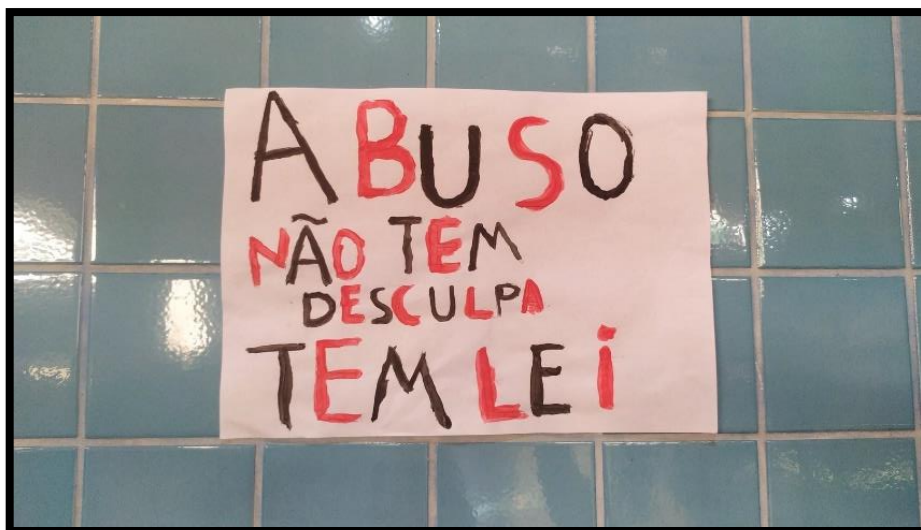
A: Assexual: Refere à pessoa que não sente nenhum tipo de atração sexual por qualquer gênero. Isso não significa que não possam ter relacionamentos ou desenvolver sentimentos amorosos e afetivos por outras pessoas.

P: Pansexualidade: É uma orientação sexual em que as pessoas desenvolvem atração física, amor e desejo sexual por outras pessoas independentemente de sua identidade de gênero.

+: Demais orientações sexuais e identidades de gênero: O símbolo de soma no final da sigla é para deixar claro que a diversidade de gênero e sexualidade é fluida e pode mudar a qualquer momento, retirando o “ponto final” que as siglas anteriores tinham, mesmo que de forma implícita.

Ademais juntamente com esse cartaz também foi produzido e abordado pelos/as estudantes a importância de se falar do abuso que a violência de gênero. Com um *slogan* (Figura 12), foi exposto na escola o seguinte cartaz.

**Figura 12** – Cartaz exposto na parede da escola



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

Esse se trata de um cartaz construído por estudantes da turma 901 do turno da manhã, que com suas experiências e análise crítica da situação em que estão socialmente inseridos/as, aprofundaram a abordagem temática da professora de artes e relataram algumas experiências pessoais que já presenciaram tanto no dia a dia, na mídia e no cotidiano escolar, de modo a construir a consciência da comunidade escolar de ir a encontro a esses comportamentos.

### **3.2. Em busca de Equidade**

Como supradito a EMMEL repudia a violência de gênero que está presente em vários espaços e escalas da sociedade. A autora Joseli Maria Silva (2009) afirma que as discussões de gênero foram, durante muito tempo, equivocadamente interpretadas como problemas de mulheres por se tratar da luta dessas pelos seus espaços e, que só interessava a uma parcela específica da sociedade. Porém, a compreensão de que as relações de gênero são relevantes para todo o conjunto social, inclusive para os homens, não se deu de forma fácil.

Joseli Maria Silva em sua obra denominada “Fazendo Geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades” destaca a importância da desconstrução de gênero (que ganhou destaque na década de 1990) e a sua reconstrução sob paradigmas e arranjos da diversidade,

por meio da transversalidade de disciplinas, em especial com ênfase para a geografia. Ela afirma:

As variações dos papéis de gênero incorporadas à geografia, relacionadas às diferentes classes, idades, raças, etnias e sexualidades, não aplacaram críticas das correntes pós-estruturalistas e pós-colonialistas, que se fundamentavam na necessidade de evidenciar as diferenças, evitando as generalizações, e na urgência em superar os dualismos ainda presentes no conceito de gênero. A partir da crítica de que o conceito de gênero perpetuava a dominação masculina, devido ao seu carácter dual, e da concepção de cultura pré-existente na estruturação dos papéis masculinos e femininos desempenhado pelos seres humanos, emergiram com força, na década de 90, perspectivas desconstrucionistas do conceito de gênero, que reivindicavam novas formas de produzir o conceito juntamente ao saber geográfico. Essas perspectivas desconstrucionistas foram afirmadas em obras de Michael Foucault (1998) e Judith Butler (1990), bem como Teresa de Lauretis (1987) e Donna J. Haraway (1991), (SILVA, 2009, p. 40).

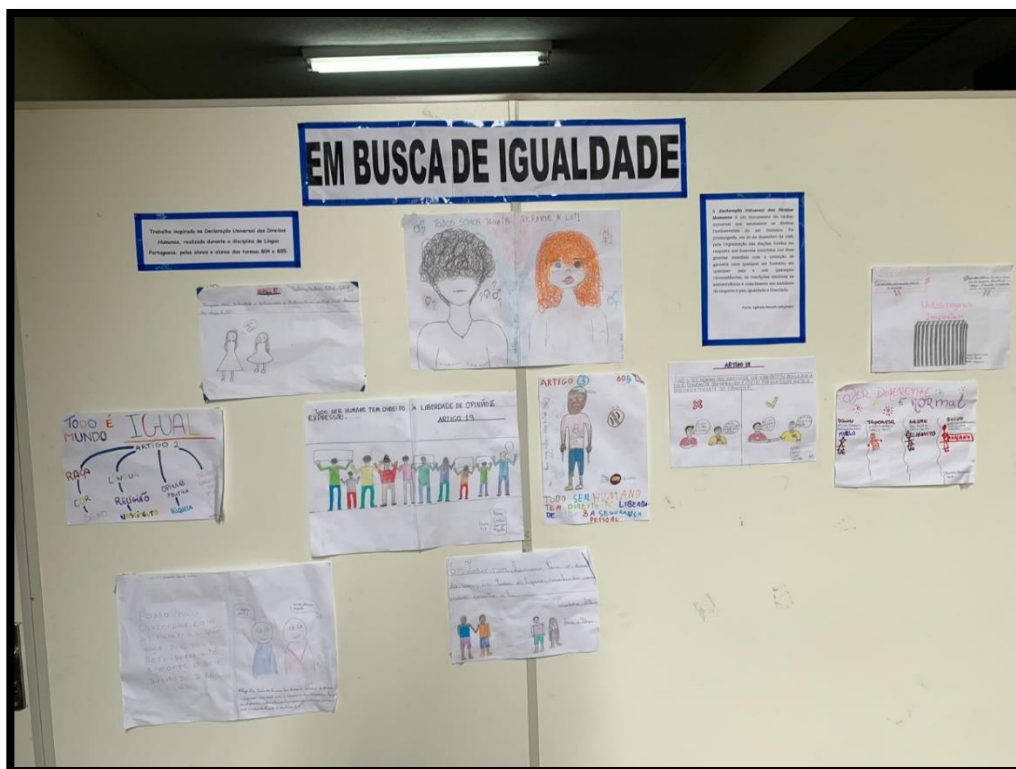
Nesse sentido a EMMEL durante o segundo semestre de 2022 trabalhou com os estudantes o projeto denominado “Em busca de Igualdade”. Consideramos que este teve como eixo central desconstruir as generalizações de gênero construídas socialmente, as quais evidenciam as diferenças, de modo a navegar pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, identificando os direitos básicos dos seres humanos.

Este projeto focou no respeito entre os pares, sempre destacando que quando se tem respeito à diversidade no ambiente escolar, se tem a facilidade no trabalho em grupo, evitando sofrimento e constrangimento, de modo, a melhorar o ambiente. Além disso, o respeito facilita o trabalho dos/as educadores e pais, abrindo portas para um aprendizado mais inclusivo, derrubando as barreiras preconceituosas desnecessárias.

Sendo assim, os/as estudantes puderam aprender a importância do respeito que se deve ter com as diferenças dos/as colegas no ambiente escolar e também a importância de que esses ensinamentos sejam reproduzidos fora dos muros da escola construindo, assim, espaços de convivência mais acolhedores. Durante o desenvolvimento do projeto, os/as discentes foram subdivididos em grupos e na oportunidade conversaram sobre o conteúdo da “Declaração Universal dos Direitos Humanos”<sup>16</sup>, de modo que cada agrupamento produzisse um produto para constituir o mural na escola, conforme pode-se observar nas Figura 13.

**Figura 13** – Mural exposto na escola

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>.



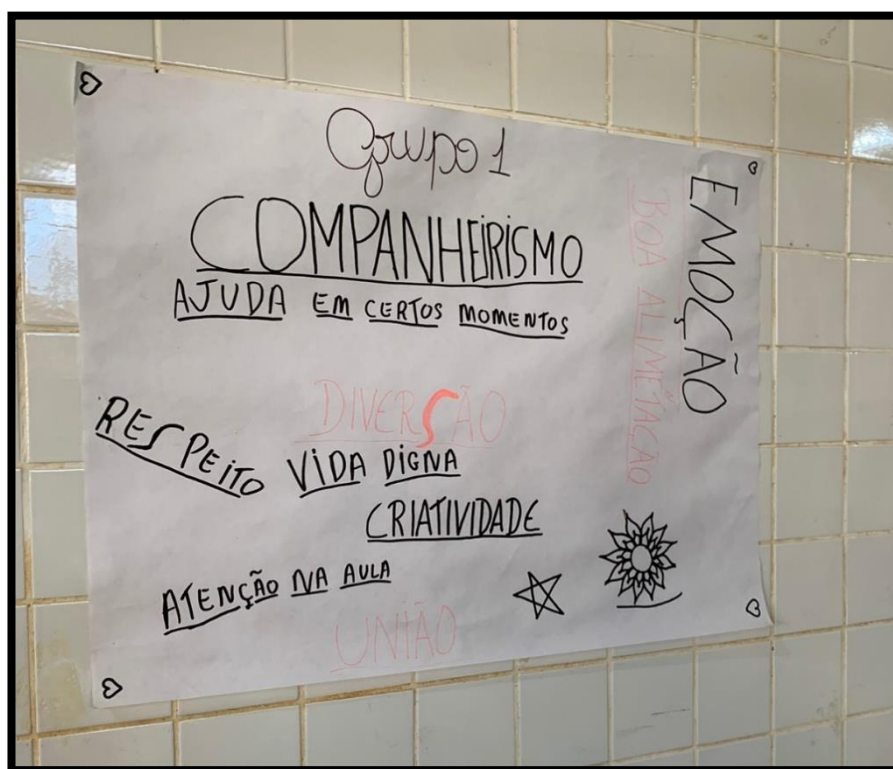
Fonte: arquivo pessoal, 2022.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos é um documento adotado pela Assembleia Geral da Nações Unidas em 1948. Ela estabelece os direitos e liberdades fundamentais a que todos os seres humanos têm, independentemente de gênero, raça, cor, religião, idioma, opinião política, origem nacional ou social, propriedade, nascimento ou outro status. Ela tem sido um instrumento de direitos humanos influente e amplamente reconhecido. Os princípios contidos na Declaração tornaram-se amplamente aceitos como direito internacional e obrigatório para todos os Estados, independentemente de terem ratificado os tratados.

Na Declaração Universal, contém 30 (trinta) artigos que fornecem uma estrutura abrangente e globalmente reconhecida para a proteção dos direitos humanos. Esses artigos contemplam uma gama de direitos, incluindo direitos civis e políticos (como a liberdade de expressão e o direito de participar do governo), direitos econômicos, sociais e culturais (como o direito ao trabalho e o direito à educação) e os direitos coletivos (como o direito à autodeterminação). Na Figura 13, nota-se que um conjunto de cartazes construídos pelos/as estudantes que enfatizam a importância desse documento, dando destaque aos artigos, que se referem aos direitos básicos para existência humana, assim como a liberdade de se expressar e ser livre em qualquer ambiente, além da não aceitação as quaisquer formas de intolerância.

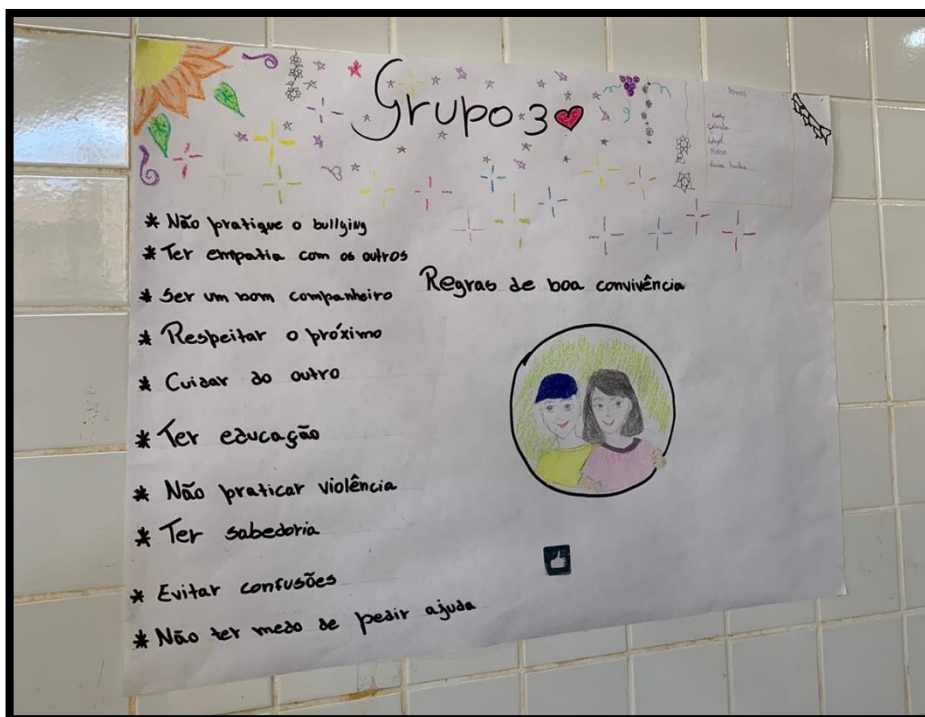
Nas Figuras 14, 15 e 16, encontra-se palavras destaques que os/as estudantes identificaram no documento estudado e que criaram significados para o contexto em que se inserem sobre a ótica do respeito ao próximo e a construção de espaços mais harmoniosos, que presem pela garantia dos direitos humanos aos cidadãos para possibilitar assim que usufruem desses com dignidade e cidadania.

**Figura 14** – Cartaz do grupo 1 exposto na escola



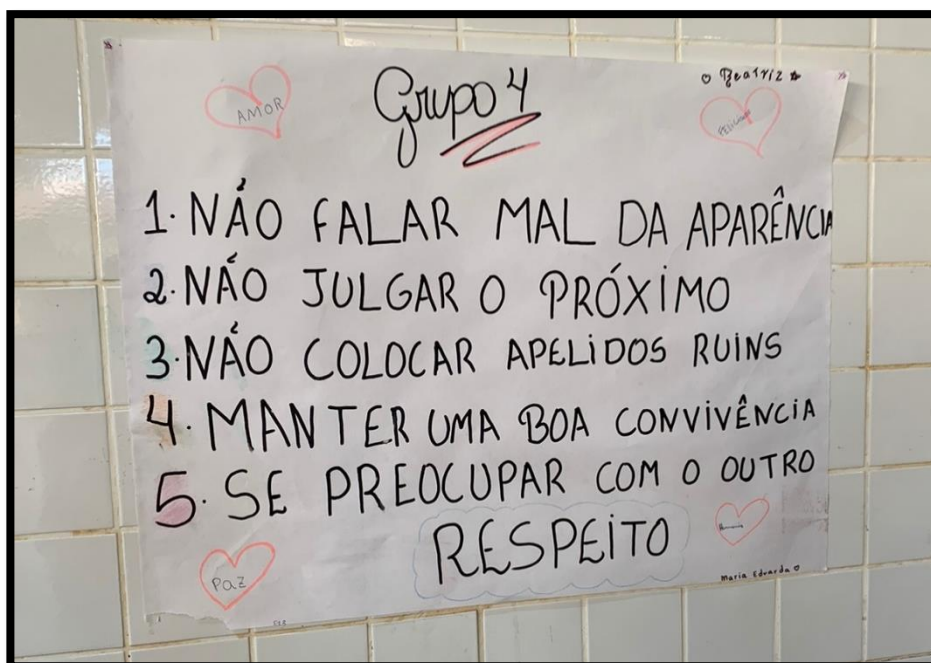
Fonte: arquivo pessoal, 2022.

**Figura 15** – Cartaz do grupo 3 exposto na escola



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

**Figura 16** – Cartaz do grupo 4 exposto na escola



Fonte: arquivo pessoal, 2022.

Nas imagens acima percebe-se o resultado positivo do incentivo ao respeito ao próximo e à diversidade. Ademais, falar de gênero nas escolas é também falar de respeito,

dessa maneira, abordar o direito à diversidade e dialogar com os/as estudantes sobre essa temática torna-se fundamental para que eles/elas aprendam a respeitar as diferenças desde cedo. É válido destacar que durante as aulas referentes ao projeto a professora usufruiu de sua proximidade com os/as discentes para abordar temas de diversidade incentivando-os com um discurso regado de empatia, respeito e tolerância entre os/as mesmos, dentro e fora da escola.

Ademais, trabalhar gênero, diversidade e respeito nas escolas é enriquecedor para o ambiente escolar. Ao saber que há diferenças e que elas precisam ser respeitadas, muitas questões sociais são amenizadas, como a incidência do discurso de ódio em redes sociais e crimes de intolerância. É na escola que os/as alunos/as tem contato com um universo diferente do seu e, por isso, é necessário que essa instituição assuma o compromisso de incentivar a diversidade.

Na EMMEL, as sementes semeadas durante a realização do projeto “Em busca da igualdade”, projetou a colheita de frutos benéficos para o cotidiano escolar, como, diminuição do *bullying* nas salas de aulas e demais ambientes da escola, redução do índice de evasão escolar, melhoria no ensino dos/as docentes e no processo de aprendizagem dos discentes, construção de uma comunidade escolar mais harmônica e diversos outros.

### **3.3. Etnografias sob a ótica de gênero**

Afinal o que é etnografia? Esta, se trata de uma metodologia ligada a área das ciências sociais com bases na antropologia, onde seu objetivo principal é estudar a cultura e o comportamento de grupos sociais. Segundo a autora Debora Zanini (2015), a etnografia significa, literalmente, a descrição de um povo. Ela surge no final do século XIX e início do século XX com a necessidade de pesquisadores entenderem de forma mais adequada e aprofundada comunidades e grupos sociais. Até então, todo conhecimento provinha de especulação da filosofia social, nesse sentido, sem contato nenhum com a sociedade. Analogamente, os pesquisadores desta época chegaram à conclusão de que apenas o contato real em campo poderia descrever melhor a cultura de um povo.

Sobre a pesquisa etnográfica, afirma o autor Roberto Jarry Richardson:

A etnografia é a ciência que estuda e descreve os agregados populacionais. E sendo assim, a pesquisa etnográfica é uma modalidade de pesquisa que descreve e estuda o povo de um país, de uma dada província, de uma dada região, de uma dada comunidade etc. Note-se que dizemos “de um povo” e não “do povo”, pois aqui o termo “povo” não é usado no seu significado social (isto é, não se refere a uma camada social, a uma classe social), mas sim como um conjunto de indivíduos unidos entre si por laços comuns de ordem rática, histórica, cultural, religiosa, social, etc. (RICHARDSON, 2017, p. 68).

Sob o mesmo ponto de vista, destaco o principal objetivo relacionado à etnografia, qual seja: entender a cultura de comunidades e grupos sociais. O método etnográfico é diferente de outros modos de fazer pesquisa qualitativa. Ele segue alguns princípios, nesse caso optamos pelo método indutivo, que se trata do conhecimento fundamentado na experiência e no acúmulo descritivo de detalhes do seu objeto de estudo. Para que esse se concretize existem a observação participante passiva e/ou ativa, dessa forma a autora Cléria Maria da Luz Rivero afirma que:

Os processos etnográficos podem ser caracterizados em dois níveis e duas instâncias: a observação passiva (primeiro momento) e a observação participante ativa (segundo momento); e as entrevistas etnográficas informal e formal. O ritual aqui descrito demonstra a necessidade de o pesquisador etnógrafo ser capaz de ver uma situação social e transforma-la em palavras que descrevam fielmente essa realidade. Além disso, metodologicamente, ao servir-se da observação participante, consegue um acesso direto ao fenômeno que pretende estudar, inserindo-se bem mais perto das realidades cotidianas. (RIVERO, 2018, p. 152).

Desse modo, ao adentrar no universo de estudo, a Escola Municipal Ministro Edmundo Lins (EMMEL), tive a oportunidade de analisar os espaços sobre a ótica das relações de gênero. Fundamentado nas ideias de Guacira Lopes Louro (2000), a qual menciona que não apenas nas escolas, mas as diversas áreas ou disciplinas, as relações de gêneros sempre foram produzidas sob a perspectiva masculina heterossexual (e, então, tradicionalmente, deixam de fora os saberes, as experiências e os problemas das mulheres e dos grupos homossexuais). No sentindo amplo o espaço escolar é construído sob essa ótica heteronormativa, as práticas cotidianas, os arranjos físicos, a distribuição espacial e temporal dos indivíduos também inscrevem e reafirmam, continuamente as marcas das diferenças sexuais e de gênero. Sendo assim, destaco aqui 5 (cinco), vivências na EMMEL em que estive presente e em que as relações de gênero estiveram em pauta durante as formas de expressão/organização do/as estudantes.

A primeira delas, aconteceu durante as aulas de educação física. O professor da disciplina tenta ao máximo realizar a inserção de todos/as discentes nas atividades planejadas conforme sua organização pedagógica. Mas na EMMEL, sempre que se tem atividades voltadas para um esporte maior de força corporal o interesse fica por parte dos meninos. Durante o segundo semestre de 2022, o professor trabalhou com os estudantes alguns esportes, como, futebol, basquete, queimada, vôlei, *ping pong* e futebol de mesa (totó). Em esportes como futebol, basquete, *handebol*, *ping pong* e totó a adesão dos meninos eram muito maiores que as das meninas e na maioria das vezes enquanto acontecia os jogos as

meninas se concentravam nas arquibancadas da quadra para conversar sobre assuntos de interesses delas e/ou torcer para o time dos meninos em que elas tinham mais afinidade.

Quando acontecia durante as aulas de educação física a presença ativa das meninas estava ligada a esportes como vôlei e queimada. Além disso, quando ocorria a separação de times, havia comentários por parte dos discentes do tipo “vamos jogar times de meninos x meninas”, inferiorizando a presença das mesmas, sob a perspectiva de que os meninos poderiam ser melhores ganhavam os jogos. Diante dessa situação, as meninas na maioria das vezes optavam por não participar, visto que os meninos sempre usavam da força ao arremessar a bola para ganhar a partida.

A segunda que se destacou foi o uso da biblioteca, a EMMEL conta com uma biblioteca bem estruturada e com um acervo de qualidade para atender a comunidade escolar. Durante os meses de campo, pude observar que o público que mais frequenta esse espaço é do gênero feminino. Os meninos frequentam também, porém muito raramente se tem a presença dos discentes na biblioteca por livre espontânea vontade, esses ocupavam desse espaço para realizar repetições de provas (quando necessário) ou quando era solicitado por algum docente. Diferente dos meninos, uma parcela das meninas matriculadas na escola (especialmente do 9º ano) tinha o costume de ir, semanalmente, até a biblioteca e procurar por livros dos gêneros: romance, literatura de ficção e autoajuda (com destaque para romance).

A terceira foi o uso de máscaras na escola, por causa da pandemia da Covid-19 passamos a utilizar as máscaras de modo a nos prevenir. Porém, com o fim do Estado de Emergência em Saúde, em Viçosa-MG, o uso obrigatório de máscaras, em locais abertos ou fechados, na cidade deixa de ser exigido, ou seja, o uso de máscaras passa a ser facultativo, exceto nas unidades de saúde, nos hospitais e no transporte público. Com isso, a maior parte dos estudantes deixaram de utilizar a mesma no ambiente da escola, em especial os meninos que utilizava a mesma de forma incorreta, tampando apenas a boca.

Após a liberação para uso facultativo, observei que havia alguns pequenos grupos (três a cinco integrantes) do sexo feminino que ainda utilizava as máscaras e não abria mão de utilizar a mesma. Em conversa com esses grupos descobri que elas não utilizavam as máscaras por causa da prevenção à doença, mas sim para esconder seus rostos. Elas se sentiam mais confortável dessa maneira, inclusive, algumas dessas alunas declararam que já sofreram *bullying* por parte de alguns colegas de turma e não se sentem bem com seu corpo. A máscara, então, passou a ser uma forma de inibir o constrangimento.

A quarta se trata de uma visita dos 9º anos (901, 902 e 903) organizada pelas professoras de ciências e de laboratório ao prédio das Licenciaturas da UFV, em especial na

Sala Mendeleev <sup>17</sup>, que conta com a presença de uma tabela periódica “gigante” que expõe aos visitantes todos compostos e elementos químicos.

**Figura 17** – Tabela periódica, sala Mendeleev



Fonte: <https://salamendeleev.ufv.br/a-sala/> , 2020.

Durante a visita ficou nitidamente perceptível que o interesse maior no conteúdo apresentado foi das meninas, enquanto essas faziam perguntas, questionavam e induziam reflexões, os meninos estavam sempre brincando e conversando entre si. Além disso, no retorno para a escola, ao adentrarem no ônibus houve uma divisão de gênero ao se acomodarem, os meninos ficaram nos últimos bancos com a presença de poucas meninas, eles/as cantavam e gritavam pela janela do ônibus. As meninas se concentraram, em sua maioria, do meio para o início dos bancos disponíveis no ônibus onde comentavam sobre a experiência construída na sala Mendeleev e também compartilhavam seus lanches.

---

<sup>17</sup> A Sala Mendeleev é um espaço que abriga uma Tabela Periódica dos Elementos gigante, com três metros de comprimento e dois metros de altura. Os visitantes encontrarão uma exposição de substâncias elementares e compostos representativos de todos os elementos químicos estáveis. Verão espécies minerais que os contêm e conhecerão algumas de suas aplicações. Poderão manipular diversas amostras. Aprenderão um pouco sobre a vida Dimitri Ivanovich Mendeleev e farão experimentos interessantes e divertidos. O roteiro que inclui a Tabela Periódica Gigante, a minitabela, experimentos e uma apresentação sobre a vida de Mendeleev; é direcionado aos estudantes do ensino básico e superior, aos professores e ao público em geral. As visitas duram em média 1h30. Disponível em: <https://salamendeleev.ufv.br/a-sala/>.

A quinta diz respeito ao uso do laboratório de ciências da escola e as aulas de ciências que acontecem nesse ambiente. É super comum que adolescentes tenham curiosidades sobre o corpo humano e foram nessas curiosidades pude observar que os/as discentes lidavam com os materiais do laboratório de uma forma imatura.

Exemplo disso foi durante uma aula de ciências para os/as alunos/as do 9º ano, em que a discente trabalhava o conteúdo de células, mencionando o vírus da imunodeficiência humana (HIV) <sup>18</sup>, a partir dessa abordagem os/as discentes destacaram diversas curiosidades individuais como as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) <sup>19</sup>, uso correto dos preservativos sexuais (camisinhas) <sup>20</sup> e a forma correta do anticoncepcional <sup>21</sup>. Porém, o assunto era abordado com muitas piadinhas e ironias, na maior parte objetificando o corpo feminino e exaltando o corpo masculino, principalmente quando o assunto era voltado para o sistema reprodutor humano.

Em conversa com a professora coordenadora do laboratório de ciência, a mesma me relatou que frequentemente realiza um revezamento de lugar dos materiais no laboratório, visto que o mesmo conta com muitos cartazes e esqueletos demonstrativos que são utilizados para auxiliar na exemplificação do conteúdo e no resultado do processo de ensino aprendido dos/as alunos/as. Isto porque aqueles materiais causam muitos “murmurinhos” entre os/as estudantes, em especial os meninos. Segundo a professora “os alunos não sabem lidar com as informações de forma madura para gerar conhecimento, sempre acionam a erotização em tudo”.

---

<sup>18</sup> HIV é a sigla em inglês do vírus da imunodeficiência humana. Causador da AIDS, ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças. As células mais atingidas são os linfócitos T CD4+. E é alterando o DNA dessa célula que o HIV faz cópias de si mesmo. Depois de se multiplicar, rompe os linfócitos em busca de outros para continuar a infecção. Disponível em: <https://saude.es.gov.br/o-que-e-hiv#:~:text=HIV%20%C3%A9%20a%20sigla%20em,faz%20c%C3%B3pias%20de%20si%20mesmo>.

<sup>19</sup> As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos. São transmitidas, principalmente, por meio do contato sexual (oral, vaginal, anal) sem o uso de camisinha masculina ou feminina, com uma pessoa que esteja infectada. A transmissão de uma IST pode acontecer, ainda, da mãe para a criança durante a gestação, o parto ou a amamentação. Disponível em: <https://saude.es.gov.br/o-que-sao-ist>.

<sup>20</sup> Camisinha é um método contraceptivo do tipo barreira. Feita de látex ou poliuretano, impede a ascensão dos espermatozoides ao útero, prevenindo uma gravidez não planejada. Também é eficiente na proteção contra doenças sexualmente transmissíveis (IST's), como AIDS e HPV. Disponível em: <https://www.gineco.com.br/saude-feminina/metodos-contraceptivos/camisinha>.

<sup>21</sup> Os contraceptivos são as principais ferramentas de planejamento familiar. Para saber qual método adotar a mulher deve seguir as orientações de um médico, que levará em consideração suas características individuais, o perfil da paciente e também possíveis doenças associadas que ela possa ter. Por se tratar de métodos que possuem hormônios precisam de receita médica. Disponível em: <https://www.gineco.com.br/saude-feminina/metodos-contraceptivos/tudo-sobre-anticoncepcionais>.

### 3. COMENTÁRIOS FINAIS

A ausência das questões de gênero nas escolas é um problema sério, pois afeta toda a comunidade escolar, sendo os sujeitos que a compõe das mais diversas idades, gênero e origens. Trazendo em evidência a violência de gênero nesses espaços, pode-se observar que ela pode assumir várias formas, incluindo agressão moral, física e sexual, intimidação e assédio. Essas ações não apenas prejudicam os/as alunos/as individualmente, mas também criam um ambiente hostil e intimidador, que pode prejudicar a segurança, o bem-estar e as oportunidades educacionais de toda a comunidade escolar.

É de extrema importância que as escolas, assim como a EMMEL, tomem medida para prevenir as violências de toda ordem. Falar de gênero, não necessariamente é falar de sexos, mas também falar de respeito ao próximo. As abordagens a respeito do gênero podem acontecer de diversas maneiras, por meio da implementação de políticas e programas pedagógicos, que promovam o respeito, a igualdade e a resolução não violenta de conflitos, bem como o fornecimento de recursos didáticos para professores, funcionários/as e alunos/as. Também se faz necessário que as escolas tenham mecanismos de denúncia e respostas claras e eficazes, para que os/as alunos/as que vivenciam ou testemunham atos de violência de gênero possam denunciar incidentes com segurança e receber o apoio que precisam.

Também é importante que as comunidades, famílias e os governos trabalhem juntos e de forma favorável para que as questões de gênero estejam inseridas nos currículos escolares, de modo que aumente a conscientização e a compreensão deste problema social – pautado na ausência dessa temática na vida de cada sujeito fornecendo recursos e apoio as escolas. De fato, a escola deveria ser um âmbito seguro, sem hierarquizações e segregações de qualquer espécie. As questões de gênero desempenham um papel crucial na formação das experiências e resultados dos/das alunos/as nas escolas. Reconhecer e abordar essas questões torna-se essencial para criar ambientes de aprendizagem seguros, inclusivos e equitativos para todos os alunos, independentemente de identidade ou expressão de gênero.

Algumas das questões de gênero mais importantes nas escolas incluem a promoção da igualdade de gênero e o questionamento de estereótipos e preconceitos. Isso pode envolver os/as discentes, fornecendo aos mesmos uma gama diversificada oportunidade para aprender sobre diferentes perspectivas e experiências, bem como incentivá-los a desafiar e questionar suposições e expectativas baseadas em gênero, de modo a incentivar a cultura do respeito.

Ademais, também é importante abordar o contexto social e cultural mais amplo das formas em que as questões de gênero se fazem na escola. Isso pode envolver o exame de

como as atitudes e crenças sociais mais amplas sobre gênero e sexualidade moldam as experiências e os resultados dos/as alunos/as nas escolas e o trabalho para criar uma cultura mais inclusiva e solidária que valorize e respeite todos/as.

Em suma, abordar as questões de gênero nas escolas significa criar um futuro melhor para todos/as. Ao se criar ambientes de aprendizagem seguros, inclusivos e equitativos tornam-se capazes de projetar uma sociedade capacitada para atingir todo seu potencial de bem-estar social e construir um mundo mais justo e equitativo para todos/as. Destaco também, a excelência da EMMEL na valorização e empenho em construir espaços plurais, de modo a cumprir com seus objetivos geral e específico.

Desse modo, fundamentando-se no Regimento Interno (2021) que descreve em seu capítulo 2 especificamente no Art.5º, conclui-se que a EMMEL cumpre com sua proposta de fornecer aos discentes subsídios desenvolvimento para o exercício de uma cidadania consciente que estabelece parâmetros de respeito ao próximo e equidade. Além disso, em seu Art.10º do mesmo capítulo, a escola cumpre com excelência quando ela aborda os direitos humanos em seu âmbito. Desse modo a instituição possibilita aos educandos/as condições favoráveis ao desenvolvimento de suas potencialidades pessoais, tendo em vista o entendimento as diferenças individuais existentes; promove o intercâmbio comunidade-escola ensejando a integração do aluno ao meio físico social.

Ademais, a EMMEL estimula a iniciativa do corpo docente ao permitir a apreciação e avaliação sistemática de toda nova experiência a ser vivida pelo aluno, atendendo sempre para seu ritmo, individualidade e capacidade verificar as novas experiências, assegurando uma educação de qualidade e proporcionando aos estudantes condições a terem uma visão real da sociedade. Além disso, capacita o/a discente para vivenciar e intervir no mundo em constantes e imprevisíveis mudanças socioculturais e tecnológica e para o desenvolvimento da capacidade de observar; proporcionando condições favoráveis a analisar, refletir e tomar decisões pautadas na equidade para o exercício consciente da cidadania.

Em suma, conclui-se que com a pesquisa, foi possível identificar e analisar os espaços/tempos dos/as discentes matriculados no Ensino Fundamental na EMMEL a partir da territorialização dos espaços na escola, por meio de seus agrupamentos e suas composições (gênero, raça e classe social), em especial com a observação participante e as etnografias, pode-se observar, sob a ótica de gênero, as formas e formatos de expressão dos/as estudantes nas mediações da escola.

## REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994. cap. 1 e 2, p. 48-52.
- CAMPOS, Luíze Batista; DAVI, Rafaela do Rosário; LEMOS, Thais de Cassia Silva. **Estudo de gênero no ensino da Geografia**. In: III WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL, 3, 2007, Alfenas, Minas Gerais. Anais [...]. Alfenas: UNIFAL, 2017, p. 82 - 91.
- CARLOS, Gil Antônio. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 1-176.
- CLAVAL, Paul. **Etnogeografias**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro-RJ, v. 1, n. 7, p. 69-74, jun./1999.
- COSTA, Carmem Lúcia. **A Presença e Ausência do Debate de Gênero na Geografia do Ensino Fundamental e Médio**. A Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Goiás-GO, v. 2, n. 2, p. 76-84, jul./2011.
- DAYRELL, Juarez. **Múltiplos Olhares sobre a Educação e Cultura: A escola como Espaço Sócio-Cultural**. 2. ed. BELHO HORIZONTE, MINAS GERAIS: UFMG, 1996. p.136-161.
- \_\_\_\_\_, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte - BH, v. 1, n. 1, p. 40-52, abr./2003.
- ESPLENDOR, Elizabeth Vieira dos Santos; BRAGA, Eliane Rose Maria. **Condutas pedagógicas sobre as questões de gênero na escola**. Paraná, 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2274-8.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- FACEBOOK. **EMMEL - Escola Municipal Ministro Edmundo Lins**. Disponível em: [https://www.facebook.com/emmelvicosamg/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/emmelvicosamg/about/?ref=page_internal). Acesso em: 30 jan. 2023.
- FERREIRA, A. B. D. H. **Novo Dicionário Aurélio Da Língua Portuguesa**. 2. ed. Brasil: Nova Fronteira, 1986.
- GIL, Antonio.Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6aed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. **Gênero, o que é isso?**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/np6zGkghWLVbmLtdj3McywJ/?lang=pt>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- HAESBAERT, Rogério. **Território e Multiterritorialidade: Um debate**. Produção do Espaço e Dinâmica Regional, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 19-29, jan./2017.
- IPATRIMÔNIO. **Escola Municipal Ministro Edmundo Lins**. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/vicosa-e-m-ministro-edmundo-lins/#!/map=38329&loc=-20.728662445486894,-42.86521911621094,12>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- IBPAD. **O que é pesquisa etnográfica? Conheça a metodologia**. Disponível em: <https://ibpad.com.br/comunicacao/o-que-e-pesquisa-etnografica/>. Acesso em: 30 jan. 2023.

LEAL, Costa Nathalia; ZOCCAL, Leito Ivo Sirlei; et al. **A questão de gênero no contexto escolar**. Chapecó, Leopoldianum. Santos-SP, v. 43, n. 121, p. 95-104, dez./2017.

LINS; ACCIOLY, Beatriz. **Diferentes, não desiguais**. 1. ed. São Paulo: Reviravolta, 2016. p. 9-134.

LOURO, G. L. Corpo, Escola e Identidade. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 25, n. 2, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46833>. Acesso em: 30 jan. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ, Vozes, 1997. p. 14-36.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 1-127.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MARCONI, Marina. de Andrade.; LAKATOS, Eva. Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teórica, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 21. ed., 2002.

NASCIMENTO, Livia Silva do; LIRA, Sonia Maria de. **GEOGRAFIA E GÊNERO: análise de estudos correlativos**. In: II Congresso Internacional de Educação Inclusiva 2016. Disponível em: [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO\\_EV060\\_MD1\\_SA9\\_ID3804\\_13102016204701.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_MD1_SA9_ID3804_13102016204701.pdf). Acesso em: 30 jan. 2023.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, UFOP, 2012.

PIRES, A.R.P. **Normalização de trabalhos acadêmicos: atualizada conforme NBR 14724/2011 e NBR 6023/2018**. Viçosa, MG: UFV, BBT, 2022.

RIBEIRO, Paulo Silvino. **Os grupos sociais**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/os-grupos-sociais.htm>. Acesso em: 30 jan. 2023.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Metodos E Tecnicas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2017.

RIVERO, Cléia Maria da Luz. **A Etnometodologia Aplicada a Pesquisa Qualitativa em Psicologia e Educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: LCT, 2018.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Relações de Gênero nas Escolas: ainda é possível falar disso?** Disponível em: <https://rbeducacaobasica.com.br/relacoes-de-genero/>. Acesso em: 17 fev. 2023.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. **As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação**. Diálogo Educação, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./2006.

Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/24176>. Acesso em: 30 jan. 2023.

SACK, R. 1986. **Human Territoriality :its theory and history**. Cambridge : Cambridge University Press.

SANTOS, Milton. **Concepções de geografia, espaço e território**. Geo UERJ, Rio de Janeiro, v. 10, n. 18, p. 24-42, jun./2008.

SANTOS, Milton. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

\_\_\_\_\_, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol.20, 1995. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%c3%aanero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%c3%aanero-Joan%20Scott.pdf). Acesso em: 30 jan. 2023.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. 1. ed. PR: TODAPALAVRA, 2009. p. 1-318.